

## **BOLHAS URBANAS<sup>1</sup>**

**Ana Carolina Louback Lopes**

Doutoranda em Sociologia - Cidades e Culturas Urbanas | FCT | Universidade de Coimbra

e-mail: [anaclopes@ces.uc.pt](mailto:anaclopes@ces.uc.pt).

O relógio da rua marcava 7:23 a.m. e o dia já fervia a 29°C. O carro preto de vidros escuros se aproxima, para em frente à escola, acende o pisca-alerta. Em poucos segundos sai o motorista, um senhor de meia idade em seu traje formal já um pouco suado, apesar da onda de ar frio que salta com ele para fora da viatura. Numa corridinha comedida, rapidamente dá a volta no veículo, recompõe-se e abre gentilmente a porta traseira do carro. Primeiro sai Dave, ainda a coçar os olhos, mas já a aparentar muita disposição. De dentro do carro se ouve um choro alto. A irmã não quer ir à escola. Recusa-se a descer do carro. O desembarque que parecia ser uma tarefa fácil, passa a demandar algumas atribuições extras do motorista, que rapidamente encarna um mágico, na busca do convencimento da menina. Ensaia algumas charadas, revela um lenço de dentro do bolso, na sequência, uma moeda da manga, segue com uma flor arrancada sabe-se lá de onde, mas nada é capaz de despertar o interesse da menina, que se encolhe aos berros junto à porta oposta do veículo.

Enquanto o motorista segue ali agachado recorrendo a todo o seu repertório extracurricular de competências na tentativa de cumprir sua primeira missão do dia, Dave, o irmão que aguarda entediado junto ao muro da escola, saca de sua mochila um pequeno frasco. Desenrosca a tampa, retira dali uma pequena haste e então começa a fazer bolhas de sabão. Assopra uma, duas vezes, ajusta sua posição de acordo com o vento, segue a assoprar

---

1 Conto literário em diálogo com o romance “No Turning Back”, de Beverley Naidoo, que narra a luta pela sobrevivência de Sipho, um menino de 12 anos que vive nas ruas de Johannesburgo. No trecho que inspira este conto, Sipho, ao vender balas no farol, é surpreendido por caretas e deboches de crianças às janelas de seus carros. O conto foi desenvolvido no âmbito da disciplina “Seminário de Doutoramento II”, ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Fortuna, em um exercício que propunha criar histórias a partir de outras histórias sobre cidades.

e criar seus brilhantes invólucros de ar. Admira-se com o trajeto das bolhas, que ali, longe do teto rebaixado de seu quarto, atiram-se a ganhar o céu. Conforme as bolhas flutuam, numa coreografia sincronizada com a brisa leve daquela manhã, Dave esboça passos desorientados, cegamente guiados por aquelas esferas multicoloridas. As bolhas correm, por vezes driblam as árvores, por outras estouram-se nelas, e o menino empenha-se arduamente em ajudá-las a seguirem livres. Salta, corre, assopra, salta de novo, num caminhar ritmado apenas pelo entusiasmo.

Sem perceber, entre uma bolha e outra, o menino se afasta do carro, da escola, embrenha-se pelo parque da vizinhança. A brincadeira ganha fôlego tal qual as bolhas se multiplicam pelo ar. Ao azul puro daquele céu sem nuvens, somam-se novas cores, outras densidades, novos arranjos se delineiam tão espontaneamente quanto se diluem. Mais à frente, Dave vê um galho de árvore caído ao chão e corre a buscar o graveto para assessorá-lo na caça às bolhas mais altas. Entre saltos e assopros, o menino localiza uma fonte, que surge em boa hora para reabastecer seu frasco, que já vai pela metade. Quando mergulha o braço no tanque, não resiste em molhar o rosto, a cabeça e logo já está o corpo todo a aliviar-se do calor pesado. Combustível reabastecido e corpo renovado, o menino volta a correr solto pelo imenso jardim, guiado apenas por aquele estático céu a movimentar-se.

Ao perceber que o líquido do frasco já está demasiado diluído, incapaz de lhe oferecer mais das suas estimulantes cápsulas de liberdade, o menino para. Senta-se em um banco. Ao olhar em volta, atenta não saber onde está. Como teria ido parar ali? Que lugar era esse? Ao pensar no trajeto percorrido, só lhe vinham bolhas à cabeça. Nunca estivera neste lugar antes. Em seus 9 anos, nunca saíra só pelas ruas. Tampouco tinha lembranças de caminhar pelas ruas mesmo que acompanhado. Mirava aquele jardim sem fim e pensava onde estariam os prédios. Sua vida era marcada pelos prédios. Sua cidade acontecia entre a casa e a escola, entre a escola e a casa. Ao atravessar a guarita, tinha tudo o que a cidade oferece: todo tipo de serviço, seu próprio jardim, sua própria fonte, piscina, esportes, supermercado, e sem a insegurança do mundo lá fora. Sua família habitava um apartamento bem planejado, num andar alto de um edifício residencial moderno, com design magnífico, servido de todo tipo de desejo que a vida cosmopolita pudesse suscitar. O condomínio contava com amplas áreas de lazer, todas conectadas a dispositivos arrojados de controle de acesso, e dispunha ainda de um centro comercial de primeira linha, repleto de ideias

criativas de entretenimento para as crianças. Com tantas opções à disposição, Dave conhecia o mundo, sem precisar conhecer a rua.

Sentado ali naquele banco de madeira, o menino balançava as pernas e analisava o entorno. Via apenas umas poucas pessoas ao longe, a passos acelerados, a buscar as sombras das árvores como refúgio ao sol escaldante. Os trajes de trabalho faziam daquelas alamedas arborizadas simples atalhos que ligavam um lado ao outro do parque. Num relance, Dave avista um *playground*. Estava vazio. O menino, entusiasmado, corre para lá. Do alto do escorregador, sentia dominar aquele lugar. Escorregava, atirava-se ao tanque de areia, deliciava-se com uma sensação esquisita. Suspirava, gargalhava sozinho, corria pelo gramado, a cidade parecia ter crescido, mas ele se sentia ainda maior do que ela, mesmo tão pequenino em meio àquele horizonte sem linha. Inspirado pelo perambular das bolhas, agora era Dave quem se sentia a voar por entre as árvores.

Respiração contida, Dave decide ser hora de voltar. Já estava a ter um pouco de fome e as pernas finalmente pediam trégua. Que caminho tomar?! Alguns segundos a pensar, ao longe ouve uma buzina. Mais uma, um ruído ao fundo. Guiado pelo som dos carros, o menino põe-se a caminhar. Quando mais à frente a vegetação se abre, passa então a avistar a cidade a sua espera. Pé ante pé, segue as linhas do piso bicolor, cuidadosamente paginado. Conforme a cidade cresce, Dave deixa-se encolher. Ao chegar à calçada, sente deparar-se com um portal: em contraste àquele imenso jardim de liberdade, ergue-se uma opressiva avenida. Um tanto de pistas para cada direção, carros nervosos tomados pelo tráfego intenso daquele horário de meio da manhã. Farol abre, os carros aceleram, buzina, juntam seus para-choques na tentativa de superar aquele trecho antes que as luzes vermelhas voltem a brilhar. Farol fecha, todos freiam bruscamente, como uma fila de dominós a um triz de derrubar a peça da frente.

Em meio às pistas tensas, alguns meninos se espalhavam, a vender água, chocolates e o que mais o mercado de apressados motoristas pudesse requisitar. Farol fechava, os meninos corriam de janela em janela com frases ritmadas, alguns *jingles* de composição própria, na esperança de que algum vidro se abrisse, embora quase todos preferissem se fechar. Tinham grande precisão no número de carros que podiam alcançar até que as luzes verdes voltassem a brilhar. Farol abria, meninos corriam para as margens, por vezes a

escapar de raspão do último carro, que arrancava com todo o seu motor apenas guiado pelas cores do farol.

Dave assiste atentamente àquela coreografia perturbada de gente e carros. Passados uns tantos minutos de observação, farol fecha, o menino respira fundo, aperta a vista e atira-se à travessia. Cruza com sucesso as quatro primeiras pistas que levam a um dos sentidos, pisa no canteiro central, titubeia, vai. Atravessa as outras duas primeiras pistas com sucesso, mas antes que possa comemorar o feito, o trânsito arranca, os carros vêm. Num brusco apagar dos movimentos, Dave é surpreendido por um empurrão nas costas.

Sem saber exatamente como, quando retoma a clareza dos sentidos, o menino está na outra margem, de pé, nenhum arranhão. Ainda meio atônito, pisca fundo os olhos, olha para o chão. Percebe que perdera um de seus sapatos. A sua frente, estão dois pés descalços. Levanta a cabeça e então foca o rosto de seu salvador. Um menino mais ou menos de sua idade, um tanto mais magro, talvez um pouco mais baixo, olhar firme. Uma breve lembrança se delinea, traços fazem-se e desfazem-se, aquele rosto vinha e fugia da sua memória. A sua frente, o outro menino parece recordar algo, que logo lhe traz um sorriso ao canto da boca. Ainda com as pernas bambas e gago nas palavras, Dave arrisca uma interação:

- Oi. Eu te conheço? Como é que te chamas?

Imbuído de um ar heroico, o menino de corpo leve e olhar profundo mira curto nos olhos de Dave. Do lado de cá daquela janela do carro, ambos parecem, de fato, compartilhar do mesmo ar. Aproxima o rosto e segura o foco mudo por alguns segundos. Eis que então solta uma brusca careta barulhenta, seguida de uma farta gargalhada.

Quando o ruído dos carros decide dar uma trégua, ouve-se a uns tantos metros dali os gritos agudos de três outros meninos, que gesticulam apressados para o garoto:

– Venha, hora de ir, Siphó!

## **Referência bibliográfica**

Naidoo, Beverley (1997). *No turning back: A novel of South Africa*. New York: HarperCollins Publishers. (1st American ed).